

CAOS NA SEGURANÇA



FERNANDO MADEIRA - 08/02/2017



Com medo da violência, estabelecimentos comerciais passaram uma semana de portas fechadas em toda a Grande Vitória; ruas ficaram desertas, como no Centro da Capital

PREJUÍZOS DE R\$ 2,4 BI COM PARALISAÇÃO DA PM

Perdas impactaram vários setores, do comércio à agricultura

LUÍSA TORRE
ltorre@redgazeta.com.br

Uma semana de paralisação e uma semana de prejuízos em todos os setores da economia capixaba. O movimento deflagrado pelas esposas de policiais militares que manteve por uma semana comércio e indústrias fechados e serviços parados, e impactou até mesmo exportações e importações, custou ao Espírito Santo uma perda bilionária, da ordem de R\$ 2,4 bilhões.

A estimativa foi feita pelo economista Eduardo Araújo, baseado no relatório Contas Regionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualizado pelo índice de Atividade Econômica Regional do Banco Central. Também foram levados em conta os dados de exportações e importação do Sindiex.

Segundo o estudo, a maior perda se deu no setor mais pujante da economia, o terciário, que engloba comércio, transporte, aloja-

OPINIÕES



“Foi uma catástrofe. O governo deixou de arrecadar, e o comerciante deixou de faturar”

JOSÉ LINO SEPULCRI
PRESIDENTE DA
FECOMÉRCIO



“A cada dia que uma empresa para, ela perde 5% da sua produção. Vamos pagar caro por isso”

MARCOS GUERRA
PRESIDENTE DA FINDES
(SETOR INDUSTRIAL)



“Os produtores rurais já estavam sofrendo muito com os roubos, e isso explodiu”

JÚLIO ROCHA
PRES. DA FEDERAÇÃO
DA AGRICULTURA



“A paralisação pode pressionar os preços à medida que há uma elevação geral dos custos de produção”

EDUARDO ARAÚJO
ECONOMISTA

mento, alimentação, atividades financeiras, e outras. Nesse setor, a estimativa é de prejuízo de R\$ 1,05 bilhão.

As atividades de agricultura e pecuária deixaram de faturar R\$ 32,3 milhões e a indústria, R\$ 479 milhões. A estimativa é de perda de R\$

278 milhões em impostos. Nas exportações e importações, o prejuízo é de US\$ 203 milhões (R\$ 631,3 milhões).

“Quando a gente deixa de comprar uma refeição num restaurante, não é só o dono do estabelecimento que sofre. Com aquele dinheiro, o

dono paga funcionários e fornecedores. O produtor do campo é afetado, pois o restaurante vai deixar de comprar. O pessoal do transporte que pega o produto e leva para o centro de distribuição também é impactado. É uma cadeia”, explica o eco-

nomista Eduardo Araújo.

O professor de Economia da Ufes Celso Bissoli lembra que, para as empresas e o comércio, 25% do faturamento do mês ficou comprometido. Além disso, muita gente ficou sem ter como trabalhar, pois não teve transpor-

te. “Para profissionais liberais, pessoas que fazem limpeza, a renda delas depende de quanto recebem por dia. Sem renda, isso compromete sua capacidade de consumo. Quem não tem reservas, está sendo penalizado”.

O presidente da Fecomércio, José Lino Sepulcri, avaliou que em uma semana de paralisação, o comércio vivenciou uma de suas piores crises. “Tivemos uma semana de zero faturamento. Mais de 300 lojas depredadas, assaltadas. Estimamos um prejuízo acima de R\$ 25 milhões com depredações e roubos. E, com o fechamento das lojas, perdas de R\$ 230 milhões.”

O presidente da Findes, Marcos Guerra, observou que indústrias de pequeno e grande porte ficaram paralisadas. “Tivemos pessoas trabalhando de casa, mas a construção civil, por exemplo, foi totalmente prejudicada. Isso pode ter impacto nos empregos, pois as empresas estão enxutas”.

PERDAS PARA A IMAGEM

Além do que é possível contabilizar, há prejuízos intangíveis

Além do prejuízo que pode ser contabilizado com a paralisação da Polícia Militar, há outras perdas que não entram na conta, aquelas que são impalpáveis: as vidas perdidas e a imagem do Estado.

Prejuízos patrimoniais decorrente de assaltos, acidentes com automóveis, depredação de patrimônio público, além das despesas nos sistemas de saúde são outros custos difíceis de medir, explica o economista Eduardo Araújo. “A perda de vidas humanas é um dado difícil de computar e que tem impacto. Assim como os prejuízos patrimoniais, as pessoas que perderam automóveis, bens, além das empresas saqueadas”, avalia.

Outro fator destacado pelo presidente da Findes, Marcos Guerra, é o desgaste para a imagem do Estado. “No setor de mármore e

ESTIMATIVAS DE PREJUÍZOS COM A PARALISAÇÃO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS DURANTE UMA SEMANA NO ESTADO



Fonte: IBGE/Contas Regionais; Banco Central/Índice de Atividade Econômica Regional

Elaboração: Economista Eduardo Araújo

O QUE NÃO FOI CONTABILIZADO

- Prejuízos patrimoniais decorrentes de assaltos, acidentes com automóveis, depredação de patrimônio público
- Prejuízos de imagem no ambiente de negócios e na atração de empresas
- Custos associados às perdas de vidas humanas e despesas de saúde

Infografia | Marcelo Franco

granito, por exemplo, a maior feira do país do setor acontece em Vitória e foi cancelada”, lembra.

Marcelo Machado, presidente do Sindiex, lamenta os

prejuízos à credibilidade das empresas do Estado. “Relacionamento comercial depende de cumprir metas, prazos, objetivos. Como fica a reputação do Estado como

centro de logística e comércio exterior? Fizemos um trabalho árduo de credibilidade e no comércio internacional isso se perde muito rápido”, lamenta.

O diretor de marketing da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) no Espírito Santo, Luiz Fantin, afirmou que vai fazer uma campanha fora do Estado

para que os turistas não tenham medo de retornar. “Vamos encher de notícias positivas fora do Estado para que o turista volte. Esperamos reverter essa situação”, diz.